

Annibal Soares



Chronica

do

Exilio 

PARIS

EMPRESA EDITORA

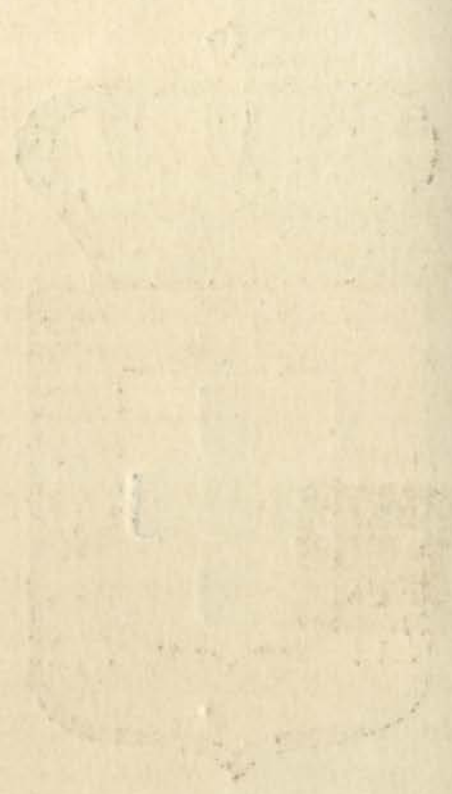
“CHRONICA DO EXILIO”

1872

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

CHICAGO, ILL.



1872

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

CHICAGO, ILL.

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	Anno	Fr.	14
	Semestre	—	7.50
	Numero avulso	—	0.30

SUMMARIO :

O programma do sr. Camacho.

Suggere-se ao sr. Nunes da Matta um grande projecto de lei.

As ideias do sr. Camacho : o imposto e o emprestimo.

Algo da vida e obras do "illustre chefe politico" : o sr. Camacho jornalista, o sr. Camacho revolucionario, o sr. Camacho ministro.



REVELA o snr. Brito Camacho a quem o quer ouvir, com uma lealdade inexcedivel, a arraigada convicção pessoal, em que se encontra, de que o homem mais notavel do regimen é elle; ficando-lhe um furo abaixo o snr. Menezes, que é ainda uma pessoa importante, e depois, a perder de vista, as outras luminarias da politica vigente, não valendo todas juntas o clarão d'uma fonisca, das que costumam rebentar do choque fragoroso entre aquelles dois aerolithos.

Está visto que por sua parte o snr. Antonio José d'Almeida, e por outra o snr. Affonso Costa, e o immarcessivel Bernardino, e Faustino o iconoclasta, e o « senador » Nunes da Matta, e o jurisconsulto Macieira, e n'uma palavra toda a remonta da Republica, cada qual se considera a si tambem o mais supino, alimentando pelos participantes no labor governativo um desprezo intellectual altivo e nobre.

Já dizia um auctor grego que a democracia é querida, não porque chame ao governo da Cidade os mais capazes, mas por não haver nescio que dentro d'ella se não imagine igual a todos os demais, e possibilitado de se elevar acima d'elles ; e que sendo o numero dos nescios notoriamente superior ao dos

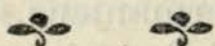
assizados, não admirava que ella viesse um dia a governar em todo o orbe.

Seja como fôr, o que não soffre duvida é ser o snr. Camacho um d'esses vultos a quem o jornalismo indigena chama « os nossos homens publicos », relatando com um serio impagavel as conferencias que tiveram « com o snr. ministro » d'aquillo ou d'aquell' outro, ou com o « snr. senador Fulano », e as combinações que fizeram « com o illustre chefe do partido tal », applicando os chavões de noticiario no tempo da Monarchia, com postiga e estudada gravidade que faz lembrar uma casa onde a creadagem, aproveitando a ausencia dos donos, lhes apanhasse os trajes de cerimonia, para se pôr a [simular um *five o clock*, com muitas momices desageitadas e escorregões no encedado.

Em resumo, o snr. Camacho é um « chefe politico », digamos mesmo um « chefe de partido » ; como tal foi almoçar com algumas das mais averiguadas summidades, que são honra e lustre das instituições republicanas em Portugal : o snr. Thomé do largo de S. Domingos, que nos tempos ominosos nunca deixára entrevêr debaixo do pechisbeque das suas quinquilharias a envergadura do financeiro ousado e fecundo que havia de sair ; o não menos potente e sabio economista por nome Innocencio Camacho, vomitado das obscuridades do Incognoscido sobre a cadeira que no governo do Banco de Portugal occupava o snr. Mello Sousa ; o forte e impavido ministro da marinha do governo provisorio, para gaudio da marujada, snr. Amaro d'Azevedo Gomes, audaz corsario luso, especialista em metter no fundo... os navios proprios, visto que não lhe dão ensanchas de fazer sossobrar os do inimigo ; o incomprehendido — ou incomprehendedor — snr. João de Menezes, ephemero director geral, ministro ephemero, ephemero e esteril devassador d'escandalos pelas repartições do Estado, membro ephemero d'ephemeras commissões de tudo quanto ha ; e outros convivas parelhos.

Atrombaram na pitança menos mal os cabeças

pensantes da *União Republicana*, e ao palitar dos dentes, depois do brinde rapido e protocollar a um outro Pensador por igual pujante — o do Paço de Belem — tomou a palavra o « illustre chefe politico », o qual ripando do casibeque um papel e soltando previamente o arrotosinho das comesainas solemnes, leu : era o *discurso-programma* que as gazetas reproduziram, e se está n'este momento distribuindo em folha solta aos cidadãos de todo o Portugal — e em que o lucilante snr. Menezes deve ter collaboração vasta.



Deveriam os « estadistas » da Republica ser obrigados por lei (pense n'isto o « senador » Nunes da Matta) a periodicamente produzir e fazer entregar nos domicilios, como agora o snr. Camacho, uma declaração das suas vistas sobre os negocios publicos, ou rol das idéias e conceitos que pelas solidões do bestunto lhes vagueiam, ralos e escanzelados, pertinentemente ao governo e salvação do Estado. Só assim poderia olhal-os bem o publico em toda a insondavel profundidade da sua inepecia, em toda a adusta e requeimada extensão da sua chateza intellectual e politica.

Percorra quem quizer essas fastidiosas tres columnas de logares-communs e ideias feitas, que representam, cumpre accentual-o, o prospecto da acção do chefe d'uma das não sei quantas facçõessecas alarpadas como outras tantas pragas de gafanhotos sobre os pastios do erario ; metta depois as mãos na consciencia, e diga se o mais apagado e inviavel candidato a ministro da Monarchia ousou alguma vez em qualquer parte, no parlamento, em assembleia de partido ou reunião d'eleitores, debitar um programma politico por tal maneira insignificante, sangrado, carecido d'elevação e originalidade no ponto de vista das ideias genericas, ou de proposito e de senso commum nos pensamentos governativos de realisação immediata.

Não cito nomes, á uma porque não vale a pena d'ir arrancar-os á tranquillidade do esquecimento, e tambem porque fôra de summa injustiça vir exemplificar como mediocridade quem quer que seja do passado, n'estes tempos em que o cavallo de Caligula teria dignamente rejeitado, por affrontosa, a bizarra mercê do dono. N'esse ponto não foi o monstro romano, para a actual Republica portugueza, senão um percursor modesto e timido. Sempre as demagogias, mais do que os proprios tyrannos, tivéram a mania da omnipotencia ; não é pois surprehendente que quando o filho de Germanicus imaginou poder fazer « consul » um corcel feroso, a nossa extravagante Republica tornasse em « senadores » e « deputados » a cento e tantos pencos, dos mais derreados de garupa...

A verdade é porém que toda a gente recorda um certo numero de figuras da politica monarchica, modestos deputados ou oradores de provincia, porventura abrigando no seu peito a secreta aspiração por uma pasta, mas na realidade tidos e havidos pelo consenso geral como personalidades secundarias, destinadas a se confinar perpetuamente nas intrigas da politica districtal ou a apodrecer na obscuridade das commissões parlamentares as mais inuteis. Nenhum d'elles foi nunca mais banal do que o snr. Camacho, com as suas vagas e consabidas observações de que « precisamos ter um exercito e uma marinha de guerra », que « precisamos abrir escolas », que « precisamos tornar fertes pela irrigação e colmatagem as nossas terras de pequena produção », que « carecemos d'alargar e intensificar a cultura cerealifera, diminuindo ou eliminando o *deficit* que ainda temos, e produzindo em condições de ser o pão barato, em relação ao preço que tem ».

Nenhum foi nunca menos imaginoso do que este « chefe politico », o qual ao produzir solemnemente o seu *programma de governo* não aponta em concreto outros planos, nem outros meios d'avolumar os recursos do thesouro, senão os que occorreriam ao mais modesto

— e incompetente — contabilista do mais ignorado municipio de provincia : o IMPOSTO e o EMPRESTIMO ; — o *imposto* sobre um contribuinte que é relativamente o mais sobrecarregado do mundo, que deixa terras e terras sem cultura por falta de capital ou porque lhe não dá o rendimento para as exacções do fisco, e que emigra por miseria em proporções portentosas, só igualadas transitoriamente em alguns povos, em occasiões de guerra ou outra calamidade publica ; o *emprestimo*, n'um paiz onde a capitação da divida é das maiores, n'um paiz que vê os encargos da sua divida publica absorverem a *maior parte* das receitas geraes do Estado e que em resumo, mercê dos escandalosos esbanjamentos da sua administração não encontra quem lhe fie cinco-reis de mel coado, a não ser em condições que jugulem para todo o sempre a sua autonomia financeira, que affectem a integridade do seu territorio ou que ponham em perigo certo a sua propria existencia como nacionalidade.

Em verdade se diga que a razão allegada para este duplo saque em perspectiva é das mais instantes e persuavisas : **PRECISAMOS DINHEIRO, MUTTO DINHEIRO !**

Pudéra !... Nem que a patriotagem revolucionaria para quem o governo provisorio e os fugazes definitivos teem andado a inventar sem descanso as occupações mais estupefacientes, desde a de verificador do roteiro de Fernão de Magalhães até a de addido artistico junto da legação no Quirinal — tudo isso não vive da graça de Deus, mormente depois que Deus foi banido pelos philosophos do regimen ; e poucos são os que secretamente não aspiram a ter, como o snr. Affonso Costa, uma casinha já comprada e posta na pacata Lausanne, para se retirarem do negocio quando estiver completo o pé de meia.

« *Isto agora é nosso ! Nós tambem queremos comer !* » — diz o snr. Theophilo Braga ter ouvido echoar pelas salas do seu ministerio, n'aquelles dias em que a embriaguez da victoria elevava os corações republicanos

e lhes arrancava do intimo os arroubos mais consentaneos á mystica pureza de seu ideal.

E comem — como elephantes. Mas não pagam.

Para isso lá está o snr. Camacho com a sua pistola de dois canos : o EMPRESTIMO e o IMPOSTO !...



Enunciou pois o snr. Camacho, imprecisa, desco-sida e deficientemente, alguns dos males publicos mais notorios e dos problemas que seria muito bom se resolvessem, para proveito do paiz. Tome lá dez réis pela novidade : o mais casmurro menino de primeiras lettras lhe engatilhava isso sem respirar, á vista d'um cartucho de bolos, quanto mais em troca da chefatura d'um partido politico na joven Republica portugueza.

Toda a gente sabe que « precisamos equilibrar o orçamento » ; toda a gente sabe que precisamos construir caminhos de ferro para o transporte das mercadorias (e dos viajantes, diga-se de passagem) e abrir estradas nos sitios em que as não ha ; ninguem ignora que « precisamos erguer as nossas colonias do abatimento em que as deixou a Monarchia » — embora muitos perguntem porque é que a Monarchia as deixou em paz, ao passo que em quasi todo o ultramar a rebellião é endemica desde que se fez a Republica. Todos sabem que « é preciso moderar a corrente emigratoria »... a qual tem augmentado incessante e vertiginosamente sob o novo regimen, e cuja cifra irá este anno a *muito mais* do dobro da cifra *excepcionalissima* de 1895.

A descoberta scientifica de que « precisamos ter navios » está longe de ser original do snr. Camacho, tanto mais quanto é certo que dos poucos que ainda se construíram no tempo da Monarchia não resta quasi nenhum em estado de se mexer ; — e a este respeito e com tão patriotico intuito, bem poderia o « chefe do partido » ter na occasião exhortado o snr. Azevedo Gomes, que estava ali á sua mão canhota, a não continuar a prevalecer-se da obscuridade para

enfiar cruzadores pela terra dentro, virando-os em dois rufos e tres assobios como quem deborca uma guiga da regata.

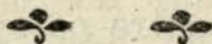
De mesmo modo, não se póde dizer que seja novo nem inedito o pensamento politico, formulado gravemente pelo snr. Camacho, de que « precisamos abrir escolas » ; — ainda que não seja senão as que fecharam desde que se implantou a Republica, fazendo elevar a *mais de mil* — segundo o depoimento recentissimo e auctorizado do snr. Jacintho Nunes — o numero total das que actualmente deixaram de funcionar.

O que a um chefe politico medianamente culto cumpriria — n'um *discurso-programma* demais a mais escripto, como convém aos solemnes documentos que vão bater á porta da Historia prenhes d'ingentes responsabilidades — não era enumerar sêcca e desordenadamente, como quem tira castanhas d'um taleigo, uma certa porção das duas ou tres duzias de coisas que todos os dias, em todas as esquinas e lojas de barbeiro de Portugal e colonias, toda a gente diz ser urgente que se façam. O que importava era que elle lhes estabelecesse a connexão, que um homem d'Estado nunca deixa d'encontrar entre os phenomenos politicos ou economicos do seu paiz, como a encontra o medico entre os symptomas da enfermidade que é chamado a diagnosticar; que elle formulasse emfim sob tres ou quatro aspectos fundamentaes a *questão nacional* — questão moral, politica, social, administrativa — integrando n'ella toda a chusma de problemas secundarios que d'ahi derivam e condicionando-os uns pelos outros ; (demais a mais, *integrar e condicionar* são muito do calão sociologico dos superhomens da Republica).

E emfim, dado o caso que « o vulto mais intellectual » d'este regimen — que vinha redimir uma patria das absurdidades d'uma tradição monarchica d'oito seculos e *integral-a* na civilisação, de que ficára afastada pela despresivel incompetencia dos seus homens publicos — dado o caso, dizia eu, que o vulto não se

sentisse com azas para ir olhar de tão alto a situação do paiz, do que nada o dispensava n'um discurso de candidatura ao poder era de dizer ao menos alguma coisa de definido sobre esses taes problemas a que isoladamente se referiu, mostrando possuir duas ideias e meia sobre os elementos e o estado da questão da defesa nacional, da questão de fazenda, da questão do ensino, da questão colonial, da do fomento agricola ou outras á sua escolha, e esboçando os meios de as tratar, as soluções que lhes antevê e que pensa, como governante, pôr em pratica.

Só assim — quer-me parecer — é que o cidadão, que n'este momento está recebendo em sua casa o sibyllino *programma* do « illustre chefe » unionista, ficaria habilitado a saber se deveria adherir ou não á politica que elle, illustre chefe, se manifestasse propenso a realisar no poder. Porque se cada portuguez, do primeiro sujeito que lhe apparecesse a opinar que precisamos abrir escolas e construir caminhos de ferro, fizésse seu chefe de partido, ha muito tempo que eramos todos chefes uns dos outros ; sendo provavel que essa situação anarchica e impossivel viesse a terminar, por fim, n'uma dictadura vigorosa do Amigo Banana...



Mas toda esta inigualavel indigencia mental dos « chefes politicos » — que afinal o são realmente — da Republica, só poderia surprehender a quem os não conhecesse, e não soubésse d'onde veem e de que pau de lorangeira são formados.

Como demonio nos apparece, por exemplo, o snr. Brito Camacho em *chefe d'um partido politico* n'este malaventurado paiz? Por que bullas?

E' o snr. Camacho uma pessôa, que depois d'uma mocidade mais ou menos movimentada, se tornou medico e, como medico, official do exercito ; porque a sua então já austerissima intransigencia republicana, apesar d'auxiliada, ao que dizem, por alguns meios de

fortuna, não foi a tanto que o impedisse de trocar as aleatorias d'uma clinica trabalhosa mas independente pelo soldo certo da patente de cirurgião militar, tendo muito embora para isso que cingir a espada e jurar fidelidade á Monarchia e ao Rei, objectos aliás da sua mais rubra e inflexivel cólera revolucionaria.

Seja como fôr, certo é que o Sr. Camacho — esperançoso aliás desde o berço, como todos os nossos republicanos — não entrou todavia no conhecimento do grande publico senão desde que veio fundar em Lisboa o seu jornal a *Lucta*, para onde escrevia sobre generalidades da politica quotidiana uns artigos cosinhados em *vol-au-vent*, bastante mais legiveis do que os da maior parte dos gazeteiros seus correligionarios, bastante inferiores porem, formal e substancialmente, aos de uma minoria de tres ou quatro outros jornalistas republicanos ; muito abaixo como prova de intelligencia, de saber, de poder dialectico e de senso politico, aos da media da imprensa monarchica do seu tempo — e absolutamente insignificantes em comparação do merecimento que a essa obra attribuia, sem qualquer especie de cerimonia... o seu proprio auctor.

Já um republicano lembrou, para desdenhar dos meritos jornalisticos do Sr. Camacho, que elle não teve senão uma polemica com um jornalista monarchico, o qual lhe tirou a pelle com uma rapidez e uma limpeza balkanicas.

Foi o Sr. Brito Camacho deputado da opposição republicana, e da sua obra parlamentar resam... ou não resam, os numeros do *Diario das Sessões*, respectivos a essa legislatura. Desprovido de quaesquer predicados oratorios, sem figura, sem gesto, sem fluencia, falando por esguichos, engasgadamente, n'uma voz rascante, fria e inexpressiva, não deixou memoria o « illustre chefe politico » de ter incommodado algum dia qualquer governo na Camara, ou de haver abordado com justeza de vistas e originalidade de ideias alguma grande questão, fosse qual fosse, d'administração publica. Um discurso do Sr. Camacho era uma provação quasi tão penosa para o espectador e

ouvinte como para elle proprio, em quem então se presentia constantemente o intimo desejo de estar a vinte leguas d'ali ; n'uma assembleia menos deferente e benevola do que o eram as camaras monarchicas para os deputados republicanos, um *aparte* mettido a tempo faria descarrilar em qualquer altura aquelle afflicto — e afflictivo — parlamentar, enterrando-o a vinte braças pelo chão abaixo.

Entretanto, como revolucionario propriamente, o tirocinio d'este marechal da Republica tambem não parece ter sido dos mais brilhantes e ousados.

Notam os seus correligionarios que atravez das luctas politicas sustentadas durante o governo regenerador-liberal, e que importavam perigos, o Sr. Camacho e o seu jornal se portaram sempre mui composta e commedidamente para com os poderes constituidos e os homens que os representavam. Houve uma epoca em que estiveram suspensos numerosos jornaes monarchicos e, se não me engano, todos os jornaes republicanos á excepção d'um só : a excepção era a *Lucta*.

Fazem os republicanos a este proposito as peores insinuações sobre o verdadeiro grau de intransigencia e combatividade do Sr. Camacho. Seria porém que a probidade dos seus processos politicos e jornalisticos lhe não consentisse o solidarisar-se inteiramente com as intenções e os termos d'uma campanha ignobil, que não visando fins confessaveis ia até ás mais torpes injurias e ás ultimas infamias no denegrimto dos actos do governo e da respeitabilidade dos homens que, a começar pelo Rei, exerciam o poder? Seria ainda por isso que immediatamente ao mallogro do 28 de Janeiro, emquanto se encontravam sob prisão algumas centenas de republicanos e entre elles quasi todos os chefes — exceptuado, é bem de ver, o Sr. Camacho — a *Lucta* se apressava a repudiar manifestamente toda a corresponsabilidade n'aquelle esboço de movimento revolucionario, amesquinhando cruelmente a tentativa e os agentes incriminados?

Parece que não seria essa a razão ; porque assim

que assassinaram El-Rei D. Carlos e o Principe Real logo a *Lucta* achou formulas novas, d'uma pilheria macabra, para noticiar e commentar o crime atroz, retoçando-se entre casquinadas sobre os dois cadaveres ensanguentados pela tragedia e sobre a dôr sagrada e indizivel da Avó, das Mães, do Filho sobreviventes ; e assim que o Sr. João Franco largou o poder e voltou costas *logo ao outro dia a Lucta*, antes tão respeitadora do homem, o desatou a chamar « miseravel » e tudo o mais, lançando-lhe ás bótas os mesmos insultos que recalçara no imo peito quando era preciso arremessar-lh'os pela frente.

É bem a tôrva e sinistra psychologia do trocaxintinas que já depois de feita a Republica « *daria de bom grado os nomes de todos os adhesivos pela inscripção do nome de Couceiro nas fileiras do seu partido...* » mas que, mal apanhou na Galliza o valorosissimo e honrado soldado, que erguêra a frente contra as desvergonhas e violencias da Republica, sem detença se desentranhou a injurial-o como o mais ordinario carrejão e a reclamar em lettra redonda, com a sua assignatura, « *uma bala justiceira* » que « *victimasse em Hespanha esse heroe de lenda, consagrado pelo mysticismo popular* ».

A verdade é que o Sr. Camacho se contentava em ser hyena, deixando aos outros o cuidado — e o risco — de ser tigres.

Nem por isso deixou de ser ministro na Republica — implantada depois d'uma revolução cujos incidentes o seu jornal foi noticiando desinteressadamente, como se se tratasse d'uma vulgar desordem nas ruas de Lisboa, de sorte que no caso d'um novo e provavel mallogro não se lhe abrissem as portas da cadeia nem se lhe fechassem as da sua commoda e facil existencia de revolucionario de gabinete, legalmente auctorizado.

Foi governante, e como governante fez muito mais do que um moderado *quantum satis* para razoavelmente não poder voltar a sel-o. Um ministro da Monarchia (como, de resto, nunca houve) que tivesse

feito durante alguns mezes a obra governativa do snr. Camacho, sairia de lá liquidado para a vida politica pelo consenso unanime da opinião.

Porque (sem falar da sua cumplicidade nos esbanjamentos, nas defraudações, na cynica e vil tyrannia do governo provisorio durante o periodo correspondente á gerencia do snr. Camacho) essa obra consistiu em algumas leis inexequiveis, nomeadamente a do credito agricola, na audaciosa e desvergonhada solução da questão Hinton e n'uma medida — o regulamento das *grèves* — que a mais comesinha parcella de previdencia e tacto politico, ou de simples senso commum, lhe teria feito guardar no tinteiro, desde que, sem força para a applicar, essa lei não podia intuitivamente ser destinada senão a enxovalhar — pela sua escandalosa, constante e collectiva infracção — o poder e mais dir etamente o ministro que a decretou.

O prestigio do poder, não ha duvida, subverteu-se com esse e outros que taes golpes d'inepcia dos governantes. Emquanto porém ao snr. Camacho, esse não só ficou com a mesma cara presenciando das cadeiras ministeriaes a semceremonia com que os *grévistas* lhe limpavam ao papel o posterior, mas ainda ao cabo de tão singular carreira e como seu coroa-mento, nos surge *chefe de partido* n'uma Republica de cegatos.

Chefe de partido e, ao que dizem, com a mania irrisoria e inoffensiva de se fazer passar... pelo *José Luciano da Republica*.

O José Luciano da Republica! Como se fôsse a mesma coisa ter em cima dos hombros uma cabeça, ou ter no logar da cachimonia um simples pretexto para piolhos...

E mau pretexto.

ANNIBAL SOARES.

